

Luiz Fernando Nascimento



FOTOGRAFIA *PINHOLE* E UM “CLICK”:

Registrando o patrimônio cultural.

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Luiz Fernando Nascimento

**FOTOGRAFIA *PINHOLE* E UM “CLICK”:
Registrando o patrimônio cultural.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Nascimento, Luiz Fernando, 1981 – Fotografia Pinhole e um “*click*”:
Registrando o patrimônio cultural: Especialização em Ensino de Artes
Visuais / Luiz Fernando Nascimento. – 2015.
36 f.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Nascimento, Luiz Fernando,
Gabriela Maria Garzon II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola
de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Fotografia Pinhole e um “click”: registrando o patrimônio cultural*, de autoria de Luiz Fernando Nascimento, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ma. Gabriela Maria Garzon – Orientadora

Prof. Dr. João Augusto Cristeli de Oliveira – Membro da Banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTO

À Deus.

À minha orientadora Gabriela Maria Garzon por me ajudar na elaboração deste trabalho e à tutora Marcella pelo apoio nas correções e formatação.

Às tutoras pelas orientações através da plataforma, e pelos conhecimentos transmitidos ao longo do curso durante os encontros presenciais.

À Flavinha pela amizade e pelas caronas até Juiz de Fora; ao Urbano pelo companheirismo e incentivos a todo o momento; ao meu irmão Carlinhos, à Beatriz e à Lara que de forma indireta me apoiaram nesta etapa.

Aos colegas de curso, pelos momentos de aprendizagem e convívio, principalmente nas oficinas práticas do curso.

À Escola Estadual de Belmiro Braga/ (2º end.), em especial ao diretor João Bosco por abrir as portas da Escola, à professora Flávia por ceder espaço nas suas aulas para realização desta oficina.

Aos alunos que contribuíram de forma participativa na realização da oficina.

À minha família, em especial à minha mãe Ondina e a todos que de alguma forma contribuíram com apoio e incentivos.

RESUMO

O presente trabalho trata da utilização da fotografia *pinhole* como experiência artística na sala de aula e a contextualização do tema patrimônio cultural com o ambiente local onde a escola está inserida.

Apresenta um breve panorama do ensino de Arte, apontando a Proposta Triangular sistematizada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa como proposta de ensino. A oficina de fotografia *pinhole* foi a ação pedagógica que se desenvolveu através da interação dos alunos com o patrimônio cultural de sua localidade, o que possibilitou a construção de conhecimentos através do pensar, do apreciar e do fazer arte por meio da oficina de fotografia.

Palavras-chaves: Ensino de Arte; Artes Visuais; Abordagem Triangular; Fotografia *Pinhole*; Patrimônio Cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	
1.1 O Ensino de Arte e a Proposta Triangular	11
1.2 Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial	14
1.3 Fotografia	16
CAPÍTULO II	
2. Relato de experiência: “Arte: oficina de fotografia <i>pinhole</i> ”	19
2.1 A Escola e seu entorno	19
2.2 O desenvolver da Oficina	20
2.2.1 Primeiro momento	22
2.2.2 Segundo momento	23
2.2.3 Terceiro momento	26
CAPÍTULO III	
3. Reflexão da experiência: Fotografia e Patrimônio cultural	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Trabalhar patrimônio cultural dentro da sala de aula é possibilitar aos alunos a compreensão do seu cotidiano, o conhecimento da sua história local através de fragmentos do passado que se constitui através das construções históricas e das manifestações do espírito humano como o saber fazer e os conhecimentos que são perpetuados ao longo das gerações transmitidos de geração para geração.

De acordo com Stanger¹ (s/d):

As sociedades nos mais variados tempos buscaram construir sua identidade, definindo seus parâmetros de pertencimento, recorrendo ao passado. [...] Portanto, um povo que não guarda suas histórias, suas memórias, seu patrimônio, não sabe quem realmente é. (pág.2)

Atualmente, exige-se dos educadores, cada vez mais, que trabalhem com conteúdos em que seja explicitada a diversidade cultural e a sua adaptação didática, conforme proposta expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Conhecer e valorizar a cultura seja ela do passado ou do presente, do regional, nacional ou global, é uma das tarefas mais importantes do sistema educativo.

Este trabalho visa apresentar o Patrimônio Cultural como conteúdo a ser desenvolvido de forma alinhada no ensino de Arte através da linguagem da arte visual com a prática da fotografia, como uma proposta pedagógica que permita gerar diálogos entre o objeto cultural e os alunos, a fim de proporcionar um cidadão consciente sobre a sua cultura local e a sua compreensão através da fotografia como formas de comunicação e de expressão artística.

A proposta tendo a fotografia ao lado do tema Patrimônio Cultural no ensino de Arte, possibilita trabalhar o ambiente sociocultural onde o educando está inserido, como forma de preservar, de despertar nos alunos um entendimento sobre os bens culturais existentes em suas localidades e a compreender a fotografia como linguagem e expressão artística.

A escola a ser desenvolvida esta oficina fica localizada no distrito de Porto das Flores no município mineiro de Belmiro Braga, bem na divisa dos Estados de

¹STANGER, Monica Zanellato. **Memória, Patrimônio e História: Uma Abordagem Prática**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2513-8.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

Minas Gerais e Rio de Janeiro, e esta proximidade favorece que parte de seus alunos sejam oriundos do distrito vizinho de Manuel Duarte, que está situado no município fluminense de Rio das Flores.

Apesar de a escola congregar alunos de municípios e estados diferentes, o seu ambiente sociocultural e a sua formação histórica possui uma afinidade, que os vincula, pois os municípios de Belmiro Braga – MG e Rio das Flores – RJ possuem uma história cunhada no período cafeeiro e a proposta desta Oficina de fotografia adveio a partir desta observação.

Ambas as cidades possuem bens remanescentes e significativos da época do ciclo do café, do século XIX, porém, não contam com um projeto do órgão oficial dos municípios que trabalhe a valorização do patrimônio cultural através de ações educativas nas escolas. Este estudo visa então a possibilidade de se trabalhar o patrimônio cultural utilizando a fotografia como ferramenta, e despertar de forma prazerosa a atenção dos alunos para a preservação, a compreensão destes bens culturais para história das suas comunidades.

Nesta proposta delimitamos uma área para realização deste trabalho: o distrito de Porto das Flores situado no município de Belmiro Braga – MG e o distrito de Manuel Duarte, localizado no município de Rio das Flores – RJ.

As duas localidades possuem em comum, um importante acervo histórico representativo que configuram a história do lugar, com suas inúmeras capelas rurais; antigas fazendas de café, um conjunto arquitetônico que ainda resiste ao tempo, sem mencionar o rico patrimônio imaterial representado por suas manifestações religiosas e festas populares.

Conforme aponta Moraes² (s/d), a necessidade de trabalhar o Patrimônio Cultural nas escolas fortalece a relação das pessoas com suas heranças culturais, estabelecendo um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, fortalecendo a vivência real com a cidadania, em um processo de inclusão social, visto que não há um trabalho desenvolvido no município, nem mesmo regional com a finalidade de desenvolver esta percepção com o patrimônio cultural local.

² MORAES, Allana Pessanha de. **Educação Patrimonial nas escolas**: aprendendo a resgatar o Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2015.

CAPÍTULO I

1.1 O Ensino de Arte e a Proposta Triangular.

O ensino de arte no Brasil percorreu um longo trajeto histórico e metodológico, até o seu reconhecimento como disciplina obrigatória na Educação Básica com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96 (1996), ao garantir em seu Artigo 26, § 2º que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (p.11). Porém, o ensino de Arte ainda não apresenta um rendimento qualitativo, pois na maioria das vezes os professores se deparam com a falta de materiais e de estruturas adequadas para o desenvolvimento de suas atividades, e assim, acabam caindo nas propostas habituais mais simples e sem atrativos que estimulem os seus alunos ao aprendizado.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte (1998), sobre a teoria e a prática do ensino de arte nas escolas brasileiras afirmam que:

[...] o ensino de Arte apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno. (BRASIL, 1998, p.29)

Sendo assim, o ensino de Arte se torna um desafio a mais para o professor, o que exige do docente criatividade para a elaboração de suas atividades utilizando de recurso disponível.

Martins (2002) sugere que:

No ensino de arte é preciso pensar em desafios instigadores, desafios estéticos. Este não seria o impulso presente nos artistas? Assim como o artista recebe encomendas, novos desafios de processos de criação; o aprendiz e o educador de Arte também os enfrentam (p.62).

Ela completa que:

[...] ainda olhamos muito pouco a produção de nossos aprendizes; ainda escutamos muito pouco o que permitimos que eles nos digam. Por isso mesmo, o saber cultural de Arte dos alunos articulados as mais largas, da humanidade, é que constituem-se em um complexo material cultural que **deve mobilizar mediações docentes para inventar tarefas, criar exercícios de exploração, imaginar temas, ousar propostas inovadoras.** [...] (MARTINS, 2002, p. 63, grifo nosso).

A autora sugere que o professor deve estar atento ao ambiente sociocultural de seus alunos, que estimule a sua criatividade, que canalize a construção do seu conhecimento em aproximar e valorizar as suas experiências cotidianas para elaborar suas aulas. Estas orientações também são apontadas pela LDB (1996):

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio **devem ter base nacional comum, a ser complementada**, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, **por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais** da sociedade, da cultura, da economia e **dos educandos** (BRASIL, 1996, p. 11, grifo nosso).

Integrar a escola ao ambiente onde está inserida, explorar e apropriar-se do seu entorno amplia o campo de recursos pedagógicos para o professor desenvolver suas atividades e trabalhar temas que estejam dentro do contexto de seus alunos.

As autoras Ferraz e Fusari (1992); orientam que para isso ocorrer é necessário que o professor desenvolva um trabalho consistente, através de propostas que trabalhem atividades que agucem a curiosidade e despertem a aprendizagem dos alunos, mas para que isso aconteça é necessário que:

[...] o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e prática de vida de seus alunos. Conhecer os estudantes na sua relação com a própria região, com o Brasil e com o mundo, é um ponto de partida imprescindível para um trabalho de educação escolar em Arte que realmente mobilize uma assimilação e uma apreensão de informações na área artística. (p. 71)

No ambiente educativo, o ensino de Arte é proporcionado como uma oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento do educando na sua formação cultural e como cidadão contemporâneo, pois é através da Arte que o aluno entra em contato com as manifestações artísticas e culturais; sejam elas regionais, nacionais, materiais ou imateriais, além de conhecer as manifestações de outras culturas e assim compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade.

Podemos destacar como referência na contribuição para o desenvolvimento do ensino de Arte, a Proposta Triangular, sistematizada pela educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa no final da década de 1980, fruto de seus estudos e reflexões a partir de três abordagens epistemológicas: as *Escuelas al Aire Libre*, o *critical studies* e o *Discipline Based Art Education*. Esta proposta foi desenvolvida e colocada em prática no Museu de Arte Contemporânea da USP (1987-1993) e no Projeto Arte na Escola pela Fundação lochpe (1989-1996).

De acordo com Rizzi (2012, p.73-76), nesta sistematização a construção do conhecimento em Arte acontece quando ocorre o cruzamento da experimentação com a codificação e com a informação. Considera-se conhecimento em Arte nesta concepção o inter-relacionamento entre o objeto de Arte e o Público. Para que isso ocorra é necessário que relacionemos com o ensino de Arte as três ações básicas: *Ler*, que envolve o questionamento e o despertar crítico dos alunos; *Fazer*, o domínio e a prática artística, o que possibilita o processo criativo do aluno e o *Contextualizar*, a relação interdisciplinar que envolve o domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme apresenta Barbosa (1998):

A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e pós-moderna por tudo isso e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo essa articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da arte que circulam intencionalmente na contemporaneidade. (BARBOSA³, 1998 apud RIZZI 2008, p.337).

³ BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos e utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p.34.

1.2 Patrimônio Cultural e Educação patrimonial.

O entendimento de Patrimônio Cultural, embora seja um tema que aborde questões relacionadas com memórias do passado, está ligado de forma intrínseca com o presente.

Segundo Funari (2006, p.10) a palavra patrimônio “tem origem no latim *patrimoniun*, que entre os antigos romanos se referia a tudo que pertencia ao pai, pater ou pater famílias”, ou seja, herança paterna, bens de família, passados de geração para gerações, “e por extensão, vem sendo utilizado para nomear o legado de uma geração a outra, não apenas no âmbito da família, como também dos grupos sociais, dos Estados nacionais e mesmo da humanidade” (LONDRES, 2012, p.14).

O conceito de patrimônio foi associado ao termo Cultura e ampliou seu entendimento de acordo com a concepção antropológica de cultura, que de acordo com Taylor é “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TAYLOR Apud LARAIA, 2006, p.25). E para concluir, Jaques Turgot expõe que o homem é “possuidor de um tesouro de signos que tem a faculdade de multiplicar [...], comunicá-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente” (TURGOT Apud LARAIA, 2006, p.26-27).

Quando pensamos ou abordamos sobre o patrimônio cultural, logo nos aproximamos de assuntos referentes à memória, pois a ideia de patrimônio nos remete de imediato ao conceito de memória.

A UNESCO (2015) ressalta que os patrimônios culturais são de fundamental importância para a memória dos povos e a riqueza das culturas.

Portanto, as noções de patrimônio cultural mantêm-se vinculadas à lembrança e à memória, o que torna as construções históricas um objeto de estudo patrimonial, uma vez que estes são preservados em função dos sentidos que despertam os vínculos como referência cultural na memória que habita as lembranças que a população de uma determinada localidade toma como ambientes da sua história, do espaço onde vive, das paisagens naturais ou construídas.

Dentro desta possibilidade, propomos trabalhar o tema Patrimônio Cultural, como conteúdo no ensino de Arte e explorar a vivência e a experiência diária dos alunos com a localidade onde estão inseridos.

Porém Richter (2012) observa que o professor deve tomar cuidados ao construir um conteúdo que tenha um tema interdisciplinar, pois na inter-relação é preciso estar atento para que nenhuma disciplina se sobressaia sobre a outra, e que elas estabeleçam uma relação de reciprocidade.

O aprendizado tendo como perspectiva a temática do patrimônio cultural designa-se Educação Patrimonial. Esta proposta metodológica foi elaborada tendo como base as ações educativas de valorização e preservação do patrimônio cultural, a partir do I Seminário sobre o “Uso Educacional de Museus e Monumentos” realizado no início da década de 1980 no Museu Imperial de Petrópolis-RJ, tornando-se a primeira iniciativa para desenvolver um trabalho de educação nos Museus e de valorização do patrimônio cultural, inspirado na metodologia inglesa *Heritage Education*, traduzido no Brasil como Educação Patrimonial.

Entende-se por Educação Patrimonial:

[...] um processo **permanente** e **sistemático** de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como **fonte primária** de conhecimento individual e coletivo. A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento, apropriação e valorização** de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural**. (HORTA et al, 1999, p.5, grifo nosso).

Nesta definição de acordo com Maltêz:

[...] o contato direto com as evidências e manifestações da cultura proporciona um trabalho que leva os indivíduos a um processo ativo de apropriação e valorização de sua herança cultural. (Maltêz, et al., 2010, p.2)

Cabendo ao professor intermediar este contato entre alunos e os patrimônios culturais que os circundam, como aponta Rocha (1989):

Do ponto de vista do patrimônio, a escola é, de fato, a extensão da família. É ali que as novas gerações recebem a maior parte do legado cultural herdado do passado. Cumpre aos mestres despertar nos alunos sentimentos de respeito e amor, mostrando a eles o valor de nossos bens culturais [...]. (ROCHA⁴, 1989 apud MALTÊZ, et al., 2010, p.5)

O processo educativo é dependente de inúmeros fatores, mas a ação do educador é sem dúvida, um dos mais importantes. Ao elaborar as aulas podem-se incluir temas culturais e históricos que compreendam o ambiente no qual a escola está inserida, como as tradições e manifestações locais, as crenças, o artesanato entre outras abordagens temáticas que possibilitem enriquecer o ensino de Arte.

1.3 Fotografia

De acordo com Ramos (2009), a “palavra “fotografia” deriva das palavras gregas *photós* (luz) e *graphía* (escrita), significando “escrita da luz” ou “desenhar com luz”. A luz desenha a sombra da mesma forma que grava o fotograma”. (pág.6).

Desde seu surgimento até a atualidade, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, de testemunho da verdade, do fato ou dos fatos, o que proporcionou à fotografia certa credibilidade. Porém, ao proporcionar ao mundo registros das múltiplas realizações humanas e da natureza, ela também atende aos mais diversos interesses e usos.

Maya (2008) aponta que a fotografia “*passou a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia*” (p.115). E o ato de fotografar tornou-se imprescindível em todos os momentos importantes da vida e essa afirmação é válida para os dias atuais, cada vez mais intensamente.

O fácil acesso a aparelhos fotográficos, transformou a sociedade contemporânea em uma voraz consumidora de fotografia.

De acordo com Gouveia (2005), a fotografia feita a partir de uma câmara escura ou *pinhole*, é oriunda do movimento de viés artístico denominado “Pictorialismo” que surgiu na segunda metade do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, e tinha por objetivo se opor à perfeição da imagem fotográfica que

⁴ ROCHA, Guido. **Cartilha do patrimônio histórico e artístico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1989. 1 v. (sem paginação).

incomodava os artistas daquele movimento que acreditavam no pictorialismo como um retorno à pintura utilizando a fotografia.

A Enciclopédia do Itaú Cultural (2015) descreve que muitos artistas adeptos do movimento pictorialista reduziram o movimento ao tentar imitar a aparência e o acabamento de pinturas, ao invés de tentarem explorar novas possibilidades estéticas oferecidas pela fotografia, o que ocasionou o estigma e o ostracismo do movimento.

Segundo Goveia, a partir da década de 60 é marcado “como momento da retomada da pinhole no cenário internacional. Um dos fatores mais relevantes para a retomada da fotografia com pinhole diz respeito aos aspectos contraventores e subversivos da técnica” (2005, p. 100).

Da junção das palavras inglesa (*pin*) agulha e (*hole*) buraco, ou seja, “buraco de agulha” a *pinhole* se transformou em uma técnica alternativa de fotografar, excluindo da câmara todos os adicionais supérfluos, voltando à sua essência absoluta: a câmara escura.

Na “*pinhole*” a lente fotográfica e substituída por um pequeno furo que projeta a imagem invertida na parte interna do dispositivo, e que funciona como lente e diafragma fixo no lugar de uma objetiva. A sua confecção é com materiais simples, podendo ser até mesmo construído com uma caixinha de fósforos. Uma das características da fotografia *pinhole* é o resultado das suas imagens únicas e de aspecto incerto devido à ausência de lentes. Podemos mencionar ainda o fascínio que causa nas novas gerações habituadas à instantaneidade das máquinas fotográficas digitais.

Dentro da possibilidade de se trabalhar fotografia e o fotografar dentro da sala de aula, a *pinhole* se apresentou como uma alternativa interessante, pois se trata de utilizar um dispositivo que registra e conserva a memória de forma imagética.

Ao propor patrimônio cultural como tema ligado ao ensino de Artes, e abordando questões balizadas na preservação, no conhecimento e na valorização dos bens culturais da localidade onde os alunos estão inseridos, almeja-se criar uma ligação, um despertar dos alunos para responsabilidades que eles têm sobre aquilo que simbolicamente lhes pertencem.

Sendo assim, neste trabalho, o uso da fotografia como linguagem constitui-se em recurso pedagógico que motiva uma aproximação afetiva do aluno com a

localidade e as construções históricas, estabelecendo assim um vínculo com o objeto a ser fotografado.

CAPÍTULO II

2. Relato de experiência: “Arte: oficina de fotografia *pinhole*”

2.1 A Escola e seu entorno

A oficina de fotografia *pinhole* foi realizada com alunos do Ensino Fundamental, com as turmas do 8º e 9º anos da Escola Estadual de Belmiro Braga. A Escola leva o nome da cidade em que está sediada, o município de Belmiro Braga – MG.

Às margens do rio Preto, divisa natural entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, a escola está localizada no distrito de Porto das Flores (Belmiro Braga - MG), mas também recebe alunos do distrito de Manuel Duarte (Rio das Flores - RJ), o que torna a escola um ponto comum entre os alunos das duas localidades.

A sua localização geográfica lhe confere uma gama de possibilidades de experiências didáticas e de experiências no ensino de Arte. Optamos aqui trabalhar o tema patrimônio cultural utilizando as Artes Visuais através da fotografia como linguagem, e assim explorar e valorizar os aspectos histórico-culturais dos alunos.

O entorno da Escola oferece várias possibilidades de material a ser trabalhado dentro da sala de aula, como a sua rica história regional além da vivência e experiência diária dos alunos com a sua localidade.

Dentro da formação histórico-cultural, a escola está inserida em uma região que teve o seu desenvolvimento através da economia cafeeira no século XIX. E com o fim do cultivo do café devido ao esgotamento do solo, o que restou de lembranças deste áureo tempo foi o riquíssimo patrimônio cultural material e imaterial, formado por inúmeras fazendas, capelas, igrejas, estações ferroviárias e somando ainda uma riqueza humana, que inclui os seus conhecimentos populares, crenças, saber-fazer e a suas diversidades.

Sobre as experiências recentes, ambas as localidades receberam uma notícia em 2011 de que o rio Preto seria represado para construção de uma Pequena Central Hidrelétrica – PCH, o que mobilizou a população de ambas as localidades

contra a sua instalação, pois os estudos de impacto ambiental apresentado pelo consórcio eram insuficientes.

2.2 O desenvolver da Oficina

O ensino de arte na educação contemporânea tem ocasionado algumas mudanças e rupturas em relação aos professores, em como eles devem repensar e propor suas práticas educativas na sala de aula.

Ao desenvolver um trabalho relacionado a Artes muitas vezes encontramos alguma dificuldade, principalmente quando se quer trabalhar um conteúdo de forma dinâmica e de interação entre aluno e o objeto de estudo. Com a proposta de se fazer uma aula mais atrativa e prazerosa ao educando, principalmente quando se pretende utilizar museus ou centros culturais, surgem as dificuldades, sejam elas em parte devido aos problemas de acesso a esses espaços culturais, ou mesmo pela ausência deles, mas também pode ser pela falta de interesse ou de motivação, o que possibilita ao professor de alguma forma tornar-se um mediador e ajudar nesta aproximação.

Apesar das dificuldades encontradas, o professor pode pensar em propostas alternativas que estejam próximas ao ambiente sociocultural em que os alunos estejam inseridos e assim possibilitar uma compreensão mais crítica da arte, da cultura do meio em que vivem.

A proposta da oficina de fotografia *pinhole* aqui apresentada teve por objetivo trabalhar a evolução das técnicas e uso da fotografia além de abordar o fazer artístico, a leitura e a contextualização dentro da Proposta Triangular sistematizada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa.

O trabalho tem por objetivo conduzir o educando na construção do conhecimento pedagógico sobre a fotografia como instrumento de comunicação visual e a compreender a fotografia e seu uso no cotidiano; a fotografia como documento e registro de memória; a fotografia como forma de linguagem visual e de comunicação e a fotografia como arte.

Dentro da abordagem proposta trabalhamos o olhar crítico do aluno através da leitura do conceito de fotografia na sociedade, o caminho pelo qual ela tem

percorrido e, como tema proposto, trabalhamos o patrimônio cultural dentro do universo no qual a escola e os alunos estão inseridos.

A preparação para a oficina foi acontecendo em sucessivas descobertas e experiências. Quando a proposta foi apresentada aos alunos eles ficaram meio incrédulos sobre a possibilidade de se fazer um registro fotográfico utilizando apenas um material tão simples e rudimentar como o obtido por uma câmera *pinhole* – porém o desafio estava lançado.

Durante o levantamento de materiais a serem utilizados para organizar a oficina, o professor também acumula a função de pesquisador, pois é necessário que ele conheça bem o material com o qual vai trabalhar, os caminhos que serão percorridos e as alternativas possíveis, além de conhecer e organizar todas as etapas do procedimento até seu resultado final.

As dificuldades foram encontradas logo de início na pesquisa de materiais que possibilitassem a execução da oficina. O primeiro problema foi de se conseguir o papel fotossensível para se construir uma *pinhole* a partir de uma caixa de sapato ou de uma lata, pois se trata de material difícil de ser encontrado no mercado devido ao seu pouco uso comercial. Foi necessária uma adequação e então se passou para a proposta seguinte, que seria como confeccionar uma *pinhole* a partir de uma caixa de fósforos.

Todo este processo de pesquisa de material para se produzir a oficina foi exposto aos alunos: a dificuldade de se chegar a alguns materiais específicos de fotografia devido à sua carência no mercado, pois com o desenvolvimento tecnológico da área, antigos modos foram substituídos por outros mais contemporâneos. Antes o processo para se revelar uma fotografia passava por etapas de processo químico até se obter a foto no papel e hoje apenas conectamos a máquina digital ou o celular a uma impressora e se imprime a foto. A partir deste relato em sala de aula foi possível explicar aos alunos que o processo que estávamos realizando era de uma fotografia artesanal com poucos recursos próximo da sua origem de invenção e que a qualidade da imagem era incerta e que o processo de aperfeiçoamento ocorreria através de experimento e de ajuste do dispositivo.

2.2.1 Primeiro momento

O primeiro momento da oficina foi uma introdução ao estudo do patrimônio cultural, conduzindo os alunos ao conhecimento das diferentes formas de patrimônios (material, imaterial, natural, paisagístico e documentos) – sempre associando as questões patrimoniais ao contexto da localidade onde a escola está inserida, facilitando assim a absorção do conteúdo pelos alunos.

Ainda nesta etapa apresentamos um breve histórico da fotografia e da sua evolução ao longo do tempo e de como nos relacionamos com ela. Trabalhamos a questão do poder da imagem na atualidade e a sua forte influência na comunicação; abordamos o uso da fotografia nas revistas e jornais com a finalidade de ilustrar uma notícia; na publicidade, com uma linguagem direcionada para o consumo; na educação, como suporte de ensino; nos álbuns familiares, ligados a lembranças e memórias; documental, com objetivo de registrar a evolução urbana de uma cidade e outros temas.

Este primeiro momento da oficina foi organizado através de aula expositiva com conteúdo elaborado através de *slides* e da interação dos alunos. Na sequência abaixo o registro de alguns momentos da execução da atividade.

(Fig.1) Alunos acompanhando a exposição dos conteúdos através dos *slides*.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.2) Alunos interagindo durante aula participativa – imagem e sua intencionalidade de comunicação.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.3) Conhecendo diferentes dispositivos fotográficos ao longo do tempo. (câmera analógica, integrado ao celular e digital).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

2.2.2 Segundo momento

No desenvolvimento do assunto relacionado ao patrimônio cultural, foi exibido o filme “Narradores de Javé” que conta a história de um povoado no interior da Bahia condenado ao desaparecimento devido à construção de uma usina hidrelétrica, cujas águas inundariam a localidade. Na tentativa de salvar o povoado da destruição, os moradores decidem preservar suas lembranças, com recurso à história oral, registrando por escrito “a grande história de Javé”, como forma de documentar a história da cidade. A partir do filme trabalhamos as questões referentes à memória, a afetividade e o conhecimento dos alunos em relação ao patrimônio cultural da localidade onde vivem.

(Fig.4) Alunos assistindo o filme “Narradores de Javé”



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O filme possibilitou uma abordagem pedagógica que foi explorada através de diálogo com os alunos, pois assim como no filme as localidades onde os alunos

vivem também estão situadas às margens de um rio, que teve a possibilidade de ser represado para construção de uma Pequena Central Hidrelétrica – PCH. a partir desta conversa foi possível fazer uma reflexão acerca da história da localidade, das pessoas e em especial as suas construções.

Dentro desta dinâmica é que desenvolvemos nossa atividade fotográfica. As construções mais representativas dentro da comunidade foram apresentadas aos alunos através de *slides*, composta de fotos antigas e atuais das comunidades, o que permitiu trabalhar o passado e o presente da localidade e a sua transformação ao longo do tempo.

(Fig.5) Apresentação das localidades cortadas pelo rio Preto.



Fonte: acervo particular, autor: Annibal Affonso Magalhaes, 2015.

(Fig.6) Centenária Fazenda do “Paraizo”, símbolo da riqueza e da história do Vale do Café. Manuel Duarte/ Rio das Flores – RJ.



Fonte: acervo particular, autor: Annibal Affonso Magalhaes, 2015.

(Fig.7) Porto das Flores/ Belmiro Braga – MG. s/data.



Fonte: acervo particular, autor: desconhecido, s/d. Cedido por Affonso Magalhaes.

(Fig.8) Porto das Flores, atualmente/ Belmiro Braga – MG. 2015.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.6) Porto das Flores/ Belmiro Braga – MG. s/data.



Início século XIX até 1858
1858 até 1921
1921 a 1923
1923 aos dias atuais

- Travessia de balsas
- Ponte de Madeira
- travessia numa balsa
- Ponte de Concreto

Fonte: acervo particular, autor: desconhecido, s/d. Cedido por Affonso Magalhaes.

(Fig.7) Porto das Flores/ Belmiro Braga – MG. s/data. Forte presença do rio Preto na vida local.



Fonte: acervo particular, autor: desconhecido, s/d. Cedido por Affonso Magalhaes.

Esse diálogo possibilitou aos alunos elegerem um patrimônio cultural com o qual tivessem uma relação de afetividade, de identificação ou preferência.

Em seguida, foi proposta uma aula externa de contemplação e de observação das construções mais simbólicas e representativas da comunidade e a partir de mediações feitas pelo professor, foi possível transformar as ruas, as construções e a paisagem em uma extensão da sala de aula. Durante esta contemplação foram apontados os estilos arquitetônicos das construções, as características de uma dada época presentes em algumas delas, o contexto histórico de quando foram construídas, além de chamar a atenção sobre a paisagem que é formada pelo rio Preto e adornada pelos morros.

Essa experiência fora da sala de aula teve por finalidade conduzir os alunos a interpretarem o contexto onde estão inseridos, e a partir desta experiência compreender a formação histórico-social da localidade. Pode-se acrescentar ainda que através deste experimento do contato com construções históricas foi possível trabalhar a questão da estética, dos materiais construtivos, e desta forma despertar nos alunos o senso crítico em relação às novas edificações, as técnicas utilizadas e materiais empregados, além de possibilitar um olhar mais atento à comunidade em que estão inseridos.

(Fig.11) Aula ao ar livre, ponte sobre o rio Preto.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.12) Praça dos Santos Reis, ponto de encontros dos grupos Folia de Reis. Manuel Duarte/ Rio das Flores – RJ.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.13) Igreja de N. S. Aparecida. Manuel Duarte/ Rio das Flores – RJ.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

2.2.3 Terceiro momento

No ensino de Arte, a construção do conhecimento se dá por processos interligados de conhecimento, sendo a prática artística a mais prazerosa para o aluno. A confecção da câmera *pinhole* teve seu início a partir da exibição de dois vídeos tutoriais extraídos da *internet*.

Esta etapa da oficina foi organizada no fazer e na prática.

O primeiro vídeo “Câmera na lata”, apresentado por Iberê Thenório, conforme abaixo ilustrado e citado, explica de modo bem didático a construção de uma *pinhole* a partir de uma lata. O vídeo inicia ensinando como preparar a lata, em seguida mostra como é feita a revelação do negativo em um laboratório com uma iluminação

específica e totalmente protegido da luz; além de exemplificar como funciona e de como fazer o registro a utilizando.

O segundo vídeo “*Pinhole* em uma de caixa de fósforos”, conforme abaixo ilustrado e citado, é um tutorial apresentado pelo fotógrafo paraense Dirceu Maués em comemoração ao dia da fotografia *pinhole*. O vídeo ensina o passo a passo de como construir uma *pinhole* a partir de uma caixa de fósforos. Foi a partir deste vídeo e desta proposta que trabalhamos na sala de aula a confecção da *pinhole*.

(Fig.14) 1º Vídeo: Câmera na lata.



Fonte: Manual do Mundo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xt3Cdq0qOns>>. Acesso em: 18 out. 2015.

(Fig.15) 2º Vídeo: *Pinhole* em uma de caixa de fósforos.



Fonte: 061 UHA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fv9anTGetnc>>. Acesso em: 18 out. 2015.

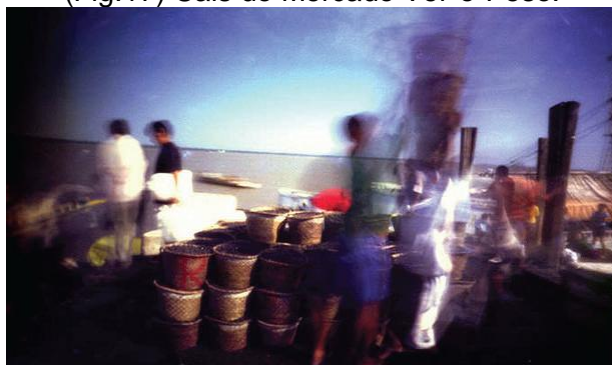
Utilizamos como referência as imagens produzidas pelo artista e fotógrafo Dirceu Maués que adotou a técnica artesanal da *pinhole* para desenvolver seu trabalho documental sobre o mercado do Ver-o-Peso. E desta forma concatenar a importância deste mercado na cultura e no cotidiano dos paraenses para trabalhar o patrimônio cultural no contexto local dos alunos e apresentar e apresentar a técnica utilizada pelo artista para produzir as imagens.



(Fig.16) Mercado Ver-o-Peso, Belém – PA. Autoria: Dirceu Maués.

Fonte: *site* Cultura Pará. Disponível em: <<http://www.culturapara.art.br/fotografia/dirceu-maues/index.htm>>. Acesso em: 18 out. 2015.

(Fig.17) Cais do Mercado Ver-o-Peso.



Fonte: *site* Cultura Pará. Disponível em:
<<http://www.culturapara.art.br/fotografia/dirceumaues/>>. Acesso em: 18 out. 2015.

A terceira e última ação foi o fazer artístico dos alunos, a experiência construtiva da *pinhole*. Devido ao custo foi construído apenas um utilizando rolo de filme com negativo; e esse foi utilizado de forma coletiva por todos os alunos, porém, todos tiveram as suas habilidades trabalhadas na construção do *pinhole* utilizando rolo de filme sem negativo.

Em seguida foi o exercício, onde alunos puderam por em prática a experiência de fotografar utilizando um dispositivo artesanal.

A ação prática aconteceu fora das dependências escolares nas comunidades de Porto das Flores/ Belmiro Braga – MG e em Manuel Duarte/ Rio das Flores – RJ, onde os alunos elegeram um bem cultural representativo de seu interesse para fazer o registro fotográfico.

(Fig.18) Trabalho realizado em dupla.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.19) Marcação para fazer o recorte.



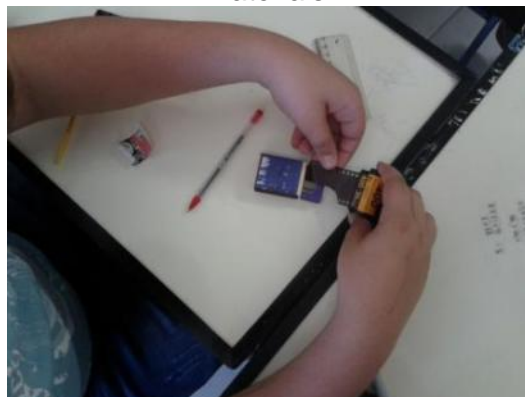
Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.20) Pintado o interior da caixa do dispositivo para evitar luminosidade



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.21) Testando filme, conhecendo os materiais.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(fig.22) Montagem do dispositivo.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(fig.23) Finalizando montagem.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.24) Registro do rio Preto com a ponte ao fundo.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.25) Praticando, na rua da escola.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

CAPÍTULO III

3.1 Reflexões de uma experiência: Fotografia e Patrimônio cultural

A Oficina de fotografia *Pinhole* dentro do ensino de Arte foi desenvolvida para se trabalhar o tema patrimônio cultural como conteúdo específico da localidade onde a Escola Estadual de Belmiro Braga está inserida. Conforme apontado pela LDB (1996), a educação tem por intuito desenvolver o educando para se relacionar com o mundo à sua volta.

De acordo com Frange (2012), “as escolas, conforme o educador, precisam abrir espaço para a história e o projeto pessoal do aluno, unindo saberes e experiências [...]” (p.39). Deste modo, cabe à escola e aos educadores a possibilidade de se criar propostas educativas que se aproveitem de recursos que estejam relacionadas ao contexto da escola e de seus educandos.

As autoras Ferraz e Fusari (1992) sugerem que:

O professor pode organizar um mapeamento cultural da área em que atua, bem como das demais, próximas e distantes. É nessa relação com o mundo que os estudantes desenvolvem as suas experiências estéticas e artísticas, [...] (p. 71)

Seguindo a sugestão exposta pelas autoras, a oficina foi estruturada com um estudo prévio do ambiente cultural da localidade onde a escola está inserida, de forma a explorar e aproveitar as experiências cotidianas dos alunos na prática do conteúdo a ser abordado.

O desenvolvimento da oficina aconteceu dentro da Proposta Triangular, que de acordo com Rizzi (2012):

[...] permite uma interação dinâmica e multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino de Arte, ou seja, entra as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das outras três ações decorrentes: decodificar/ codificar, experimentar, informar e refletir (p.77)

Trabalhar fotografia e o tema patrimônio cultural, desperta o olhar do aluno para a localidade onde estão inseridos. Deste modo, isto os leva a compreender através da leitura do seu cotidiano e por meio do conhecimento da história local, os bens culturais representativos dentro da localidade através da contextualização e da apreciação. Isto possibilita aos alunos a leitura de diferentes códigos culturais.

Segundo Berger (1972):

Nunca olhamos para uma só coisa de cada vez; estamos sempre a ver a relação entre coisas e nós próprios. A nossa visão está em constante atividade, sempre em movimento, sempre captando coisas num círculo à sua volta, constituindo aquilo que nos é presente, tal como somos (p. 13).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) destacam a importância do ensino e aprendizagem de conteúdos que colaboram para a formação do cidadão, acolham a diversidade do repertório cultural que o aluno traz para a escola, e trabalhem com os produtos da comunidade em que a escola está inserida. Também instruem que se introduzam conteúdos das diversas culturas a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado.

A efetivação da oficina de fotografia e patrimônio cultural foi pautada na proposta triangular e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino de Arte.

Conforme apresentado pelos PCNs Arte (1998), a prática de aula é uma combinação de fatores que viabilizam a ação do professor: antes, durante e depois.

O primeiro começa pelo professor pesquisador; pois antes de elaborar uma proposta é necessário pesquisar determinados materiais e técnicas a serem trabalhadas; um apreciador, que seleciona um artista como referência para desenvolver as atividades; e um criador, planejando suas aulas e organizando seu espaço.

Durante o desenvolvimento das atividades, é um incentivador do processo criativo e da curiosidade dos alunos. É responsável por estimular o olhar crítico dos alunos através da apreciação da arte de um determinado artista e a sua relação com as suas experiências cotidianas.

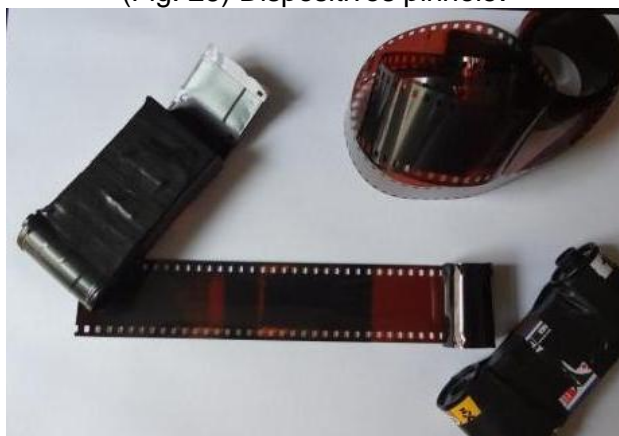
E por final um articulador, que concatena os conteúdos trabalhados com as disciplinas distintas como orienta os PCNs de Arte.

Durante o desenvolvimento da oficina de Fotografia as dificuldades foram constantes, porém prazerosa e de grande aprendizado, tanto por parte dos educandos quanto do educador.

Quando a proposta foi apresentada aos alunos, o entusiasmo foi imediato, pois se tratava de algo novo do qual ainda não haviam tido a experiência de se produzir uma imagem a partir de um dispositivo fotográfico tão simples.

Porém para a confecção dos dispositivos fotográficos, houve uma dificuldade inicial, pois a intenção era produzir uma *pinhole* de lata, porém, diante da dificuldade de se obter o papel fotográfico fotossensível, os produtos químicos e um espaço adequado para revelação, foi necessário elaborar uma proposta similar utilizando o filme de 35mm.

(Fig. 26) Dispositivos pinhole.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O primeiro dispositivo foi feito a partir de uma caixa de fósforos conforme apresentado pelo artista paraense Dirceu Maués, porém houve uma dificuldade de trabalhar o filme o que impossibilitou o registro de imagem.

Retomando a proposta, foi confeccionado um novo dispositivo utilizando os mesmo materiais, porém com a experiência do fracasso anterior, foi possível realizar a atividade em toda sua etapa.

No resultado final após a revelação do filme em um estúdio comercial foi possível constatar a imprevisibilidade da fotografia a partir de uma *pinhole*.

Resultados obtidos através do registro da *pinhole*.

(Fig.30) Capela de N.S. das Dores, Porto das Flores/ Belmiro Braga – MG.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

(Fig.31) Capela de N.S. das Dores



Fonte: acervo pessoal/ autoria: coletiva professor e aluno.

(Fig.32) Capela de N.S. das Dores. Interior da capela.



Fonte: acervo pessoal/ autoria: coletiva, professor e aluno.

Por se tratar de uma proposta, embora simples, a *pinhole* necessita de uma prática sucessiva de confecção, o que possibilita o ajuste próximo do perfeito para o “furo” adequado que serve de obturador e permite a entrada de luz em uma proporção adequada para imprimir a imagem no negativo do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A proposta da oficina apresentada nesse trabalho deve ser compreendida como uma iniciação ao ensino da fotografia, proporcionando aos alunos um conhecimento básico da referida linguagem e despertando neles o interesse pela Arte e pelo olhar crítico, o que abre espaço para dar continuidade a oficina com outras possibilidades de se trabalhar a fotografia e outros temas no ensino de Arte.

Embora os resultados obtidos não tenham ocorrido conforme esperado, em uma eventual oportunidade de realização de oficina *pinhole*, a experiência e os resultados adquiridos com este trabalho serão levados em consideração.

Trabalhamos nesta proposta uma vivência dos alunos com as suas experiências diárias, e deste modo possibilitamos uma contribuição para um novo olhar e reflexão acerca do patrimônio cultural das comunidades onde estão situados, levando-os a um procedimento de construção e de descoberta através da experiência de apreciar e contextualizar o mundo que os cerca por meio da arte.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, A. M. (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)** Lei nº 9.394, de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 17 set. 2015.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2015.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2015.

FERRAZ, Heloísa; FUSARI, Maria. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANGE, Lucimar bellop. Arte e seu ensino, uma questão ou varias questões? In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRENI, Sandra de Cássia Araujo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

GOVEIA, Fábio. **A decomposição imagética nas fotografias com pinhole: a imagem pelo buraco de uma agulha**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<https://fabiogv.files.wordpress.com/2008/03/dissertagoveia.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial,1999.

JUCHEM, Marcelo. Linguagem fotográfica: uma possibilidade de leitura de fotografias. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 3, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojsindex.php/linguagens/article/view/1954>>. Acesso em: 26 out. 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LONDRES, Cecília. O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.) **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. Superintendência do Iphan na Paraíba, João Pessoa: 2012. p. 14.

MALTÊZ, Camila Rodrigues *et al.* Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4840/5023>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MARTINS, Mirian celeste. Conceitos e terminologias. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MAYA, Eduardo Ewald. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.4, n.5, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1928>>. Acesso em: 26 out. 2015.

MORAES, Allana Pessanha de. **Educação Patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2015.

RAMOS, Matheus Mazini. Fotografia e arte: demarcando fronteiras. **Contemporânea**. nº2, 2009. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_12_matheus.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2015.

REZENDE, Lucinea Aparecida, *et al.* Fotografia e leituras de mundo: arte e educação. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.9, n.15, p.113-138, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13448>>. Acesso em: 26 out. 2015.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: Ana Mae Barbosa (org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/cultural-heritage/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

PICTORIALISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural (s/d). Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3890/pictorialismo>>. Acesso em: 26 out. 2015.

Vídeo tutorial utilizado na oficina de fotografia *Pinhole*.

Manual do mundo. Vídeo câmera na lata. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xt3Cdq0qOns>>. Acesso em: 18 out. 2015.

061 UHA. Vídeo câmera caixa de fósforos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fv9anTGetnc>>. Acesso em: 18 out. 2015.